

Urbanos mais que humanos: resíduos, catadores, coleta e catações na perturbação de São Paulo

Orientador: Prof. Dr. Guilherme Moura Fagundes

Candidato: Daniel Laerte Segetti Luchini

Instituição Sede: Universidade de São Paulo – USP/ Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH/ Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGAS

RESUMO

No último relatório da *International Solid Waste Association* estima-se que a geração de resíduos sólidos urbanos no mundo aumentará todo ano, passando de 2 bilhões de toneladas por ano, em 2016, para 3,4 bilhões de toneladas em 2050. Estudos censitários realizados na cidade de São Paulo demonstram que a principal atividade de subsistência de pessoas adultas em situação de rua é a coleta de materiais recicláveis, muitos provenientes do lixo urbano. Contextualizada no debate sobre as urgências ecológicas do Antropoceno e informada por abordagens antropológicas sobre resíduos sólidos, este projeto de pesquisa propõe realizar um estudo etnográfico com coletores não cooperados de materiais recicláveis em situação de rua do centro da cidade de São Paulo. O enfoque recai sobre as relações humanas e mais que humanas que podem ser encontradas nas interações com o lixo urbano, enfatizando as modalidades de ação e territorialidades dos coletores. Nesse sentido, propõe-se uma pesquisa etnográfica com ponto de partida em um ferro-velho específico onde se compram tais materiais, buscando cartografar a itinerância desses coletores, gestos e circuitos de coleta e troca de materiais recicláveis.

Palavras chaves: Resíduos Urbanos; Catadores de lixo; Coleta; Antropoceno.

INTRODUÇÃO

Este projeto de pesquisa estabelece as bases para a realização de um estudo etnográfico com coletores não cooperados de materiais recicláveis em situação de rua do centro da cidade de São Paulo. O enfoque recai sobre as relações humanas e mais que humanas que podem ser encontradas nas interações com o lixo urbano, enfatizando as modalidades de ação e territorialidades dos coletores. Nesse sentido, propõe-se uma pesquisa etnográfica com ponto de partida em um ferro-velho específico onde se compram tais

materiais, buscando cartografar a itinerância desses coletores, gestos e circuitos de coleta e troca de materiais recicláveis.

Ao tratar do das particularidades planetárias e reimaginando um cosmopolitismo mais que humano¹, Tsing toma recurso do trabalho de Jacob Doherty (2022) sobre relações humanas e não humanas em um lixão de Kampala, capital de Uganda. Naquela região, o lixo, orgânico e não orgânico, é depositado a céu aberto e muitos catadores se utilizam da disponibilidade de materiais rejeitados para tirarem algum sustento. A disponibilidade de matéria orgânica nos lixões atrai os marabus (*leptoilos crumeniferus*), uma espécie de cegonha que se alimentam dessa matéria. A relação entre os marabus e o lixo (relação entre não humanos) favorece a relação entre os catadores e o lixo (relação entre humanos e não humanos), pois a retirada da matéria orgânica pelos marabus beneficia os catadores que não precisam mais afastar o material orgânico para coletarem o inorgânico.

Estas três partes – lixo, catadores e marabus – interagem com projetos coloniais, imperiais e de aceleração capitalista. A produção, distribuição e logística de descarte são mediadas por tais projetos, que abrangem Estados-Nação, cadeias produtivas e cadeias de suprimento do capitalismo². Catadores apenas “são catadores” e marabus só estão ali por conta do lixo que é depositado. Por mais que, ao redor do planeta, lixões sejam os lugares “finais” a serem destinados os materiais desconsiderados e retirados de circulação pela sociedade, o lixo presente não desaparece da materialidade – real – do Sistema Terra. Estes podem performar n relações com n entes desse sistema – como catadores, marabus, solo, águas, atmosfera, etc. Uma gama de tipos de participação e de trocas entre humanos e não-humanos pode derivar do descarte ou do reaproveitamento de coisas, seres, mercadorias, etc.

O debate acerca das relações entre os projetos coloniais, imperiais e de aceleração *no* e *com* o planeta tem ganhado espaço recentemente na esteira dos estudos sobre as urgências dos constrangimentos ecológicos, sob o signo do Antropoceno. Em diferentes esferas da sociedade, de universidades à organizações internacionais (PNUD, 2020), o termo tem sido empregado para caracterizar a atual era geológica que identifica a ação humana como modificadora do Sistema Terra. Nesta modificação, ou perturbação, utilizando noção proposta por Tsing (2020), existem objetos, entidades não-humanas que possuem agências e

¹ “Anna L. Tsing – The Particular in the Planetary: Reimagining Cosmopolitanism Beyond the Human”, disponível em: <<https://youtu.be/PqLiEo3baMc>>

² Tsing (2022) argumenta que a cadeia de suprimento é uma cadeia produtiva com particularidades. Cadeias produtivas são qualquer conjunto de intermediações que conectam consumidores e produtores de mercadorias. Já as cadeias de suprimento são cadeias produtivas organizadas por subcontratos e terceirizações comandadas por empresas líderes.

performam perturbações, contaminações no sistema, alterando relações ecológicas em escalas locais e globais. Entre esses objetos incluem-se materiais comumente chamados de lixo ou resíduos sólidos, e as suas relações com outros objetos e seres vivos, as quais a presente pesquisa propõe explorar. Em particular, a relação entre o lixo inorgânico, passível de ser reciclável, e coletores³ em situação de rua. Porém, enquanto Tsing, ao comentar Doherty, analisa relações dessas entidades com humanos e não humanos, com atenção ao estágio final do projeto de gestão e gerenciamento – o lixão –, a presente pesquisa concentra-se em seu ponto de partida: o descarte e seu caminho para o contato com uma cadeia de suprimento, um ferro-velho que compra material reciclável de pessoas que ali os entregam e demais caminhos possíveis.

Estudos censitários realizados pelo Núcleo de Pesquisa da Fundação Escola de Sociologia e Política em 2011 e pela Qualitest em 2021 demonstram que a principal atividade de subsistência de pessoas adultas em situação de rua na cidade de São Paulo é a catação ou coleta de materiais recicláveis. Indica-se que 52,6% da população em situação de rua exercia a atividade. Em 2021, tratou-se de 27%. Um comparativo entre ambas as pesquisas sobre atividades remuneradas mostra um aumento de 40,9% para 56,7% de pessoas em situação de rua que trabalham na catação (somando o percentual daqueles que vivem de bicos, trabalham por conta própria, empregados com registro em carteira e sem registro em carteira). Na primeira pesquisa, 85,6% das principais atividades se expressam em seis categorias: catador de sucata ou material reciclável (56,7%), flanelinha (10,8%), ajudante de motorista ou de chapeiro (4,8%), ajudante de pedreiro (6%), vendedor ambulante (5,4%) e pedreiro (6%). Já na segunda, em oito categorias principais de atividades: catador de recicláveis (27%), pedinte (13,6%), vendedor ambulante (10,2%), outras atividades autônomas (7,8%), ajudante geral (7,2%), com carga e descarga (4,4%), com atividades de construção civil (3,8%) e com serviços de limpeza/faxina (3,6%). Mesmo com relativa diminuição percentual e com diferenças metodológicas entre ambos os estudos, a atividade de coleta de materiais

³ Para este projeto, utilizarei tanto o termo coletor quanto catador para me referir às pessoas com quem se pretende realizar o estudo. Grande parte da bibliografia sobre as atividades de revalorização de materiais que estavam descartados no lixo as tratam com o nome de “catação”. O que pretende-se com a pesquisa é explorar a dimensão da coleta dessas atividades. Le Guin (2021) ajuda a pensar que quando se coleta carrega-se algo. Deste modo, a coleta mostra-se como uma ação que contém continuidades e possibilidades abertas. Diferente da “catação” ou ato de catar que são palavras atravessadas pelo mundo do trabalho no capitalismo e sua autopoiesis teleológica. Porém, é importante salientar que a categoria “catador” é utilizada tanto pelas pessoas que exercem a atividade de revalorização de materiais recicláveis, para se auto nomear e posicionar-se politicamente, como também por acadêmicos que tratam deste assunto.

recicláveis representa a principal forma de obtenção de algum tipo de renda, mesmo que não estável, dessa população que se avoluma⁴.

No último relatório da *International Solid Waste Association* (ISWA, 2022) sobre o futuro do setor de gestão de resíduos sólidos, estima-se que a geração de resíduos sólidos urbanos aumentará todo ano, passando de 2 bilhões de toneladas por ano, em 2016, para 3,4 bilhões de toneladas em 2050. Dados recentes do Panorama dos Resíduos Sólidos do Brasil de 2022 (ABRELPE, 2022) indicam que a geração de resíduos sólidos urbanos no país por ano é de pouco mais de 81 milhões de toneladas por ano, o que representa em média 381 kg de lixo urbano produzido por cada habitante no território por ano. Trata-se de número menor se comparado a geração de resíduos sólidos urbanos da região Sudeste do país, que totaliza cerca de 450 kg por habitante ao ano. Afunilando para a cidade de São Paulo⁵ e medindo a geração de lixo urbano a partir da coleta domiciliar em conjunto com a coleta seletiva, os dados mais recentes mostram que a geração anual de lixo urbano é de cerca de 3,4 milhões de toneladas. O percentual da coleta seletiva, relativo ao lixo a ser reciclado, atinge menos de 3% do montante total, sinalizando que grande parte do material com potencial para reciclagem vem sendo descartado no “lixo comum” – importante fonte de coleta de materiais recicláveis pelos catadores.

Em curso promovido pela Escola Paulista de Contas Públicas do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo sobre gestão de resíduos sólidos⁶, o diretor-presidente da Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais⁷ (Abrelpe), Carlos Roberto Vieira da Silva Filho, apresentou dados importantes do ponto de vista econômico, ambiental e de saúde pública. Em estimativa, o custo anual para a preservação do meio ambiente e para a saúde pública que deriva da existência de quase 3 mil lixões a céu aberto do país, é de 1 bilhão de dólares ao ano. Cada lixão podendo afetar a saúde de pessoas que estão num raio de 60 km destes, estimadas 77,65 milhões de pessoas afetadas. Em relação às perdas de oportunidades econômicas, perde-se 14 bilhões de reais ao ano com materiais recicláveis. Vieira da Silva Filho apresenta este número para os lixões, a destinação inadequada para a disposição final de resíduos sólidos urbanos (BRASIL, 2022) por projetos de limpeza urbana.

⁴ De 2019 para 2021, a população em situação de rua na cidade de São Paulo cresceu 31%, de 24.344 pessoas para 31.884. Ver https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/assistencia_social/noticias/?p=323035

⁵ Dados obtidos no site da Prefeitura de São Paulo, disponível em: https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/spregula/residuos_solidos/index.php?p=185375

⁶ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=QI6E-frHMPc&list=PLkRCA6xgpxbQBBJIOi8ItmaGnlwz_LiFZ&index=9

⁷ Representante da International Solid Waste Association (ISWA) no Brasil.

Os números apresentam a magnitude da geração de lixo urbano, tanto em São Paulo quanto em escala internacional. Também destacam a importância econômica e a substancialidade dos tipos de materiais com potencial reciclável em sua disposição final, além dos prejuízos ambientais e de saúde pública. Apesar dos dados sobre resíduos urbanos serem referentes a etapas posteriores do descarte ou geração, ainda assim ilustram a potencialidade econômica dos materiais recicláveis nesses momentos, sobretudo para populações de rua na cidade de São Paulo para a sua subsistência diária. Daí a relevância do presente projeto de pesquisa.

JUSTIFICATIVA

Vivemos na instabilidade de tempos incertos, é o que diz o último Relatório do Desenvolvimento Humano (RDH) do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (PNUD, 2022). O que, de algum modo, poderia ser traduzido para modo precário⁸ de vida.

Os ciclos de material, por exemplo, foram quebrados. Pela primeira vez na história, materiais fabricados pelo homem, tais como betão e asfalto, superam a biomassa da Terra. Os microplásticos estão agora por todo o lado: em manchas de lixo do tamanho de um país no oceano, em florestas protegidas e em montanhas distantes, bem como nos pulmões e sangue das pessoas (PNUD, 2022)

Certas instabilidades e incertezas surgem na esteira da emergência do excepcionalismo humano no mundo. O problema que desestabiliza as certezas de um mundo projetado para o desenvolvimento humano não seria exclusivo aos humanos? Mas quais humanos e em que mundo(s)? O termo Antropoceno vem sendo utilizados para descrever o atual momento de incertezas e instabilidades ecológicas em que ação humana promove perturbações no Sistema Terra e que

(...) designaria um novo tempo, ou antes um novo conceito e uma nova experiência da temporalidade, nos quais a diferença de magnitude entre a escala da história humana e as escalas cronológicas da biologia e das ciências geofísicas diminuiu dramaticamente, senão mesmo tendeu a se inverter, com o “ambiente” mudando mais depressa que a “sociedade” e o futuro próximo se tornando, com isso, cada vez mais imprevisível e ominoso. (Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra, 2014)

⁸ Tsing define precariedade como “a vida sem promessa de estabilidade” (TSING, 2021: 40). Podemos pensar isso em sentido alargado, tanto sem estabilidade econômica quanto ecológica.

Porém, para alguns autores esse termo também é incerto e instável. Alguns autores (MOORE, 2022) abordam o problema considerando os humanos como os responsáveis por terem produzido um sistema que promove tais relações econômicas e industriais. O antropo é substituído pelo capital. “Capitaloceno” aparece como um nome mais preciso, ajuda, mas não dá conta do problema.

Tanto o Antropoceno quanto o Capitaloceno enquanto termos explicativos e especulativos para o momento que vivemos pressupõem o excepcionalismo humano como forma e maneira de solucionar as incertezas e instabilidades do e no mundo, “se prestam muito prontamente ao cinismo, ao derrotismo e a previsões autorealizáveis e certas de si” (HARAWAY, 2023: 105). O mundo, a Terra, não é habitado somente por humanos. Coabitamos com outros seres e formas de viver e morrer. Haraway (2023) propõe o termo Chthuluceno que permite a ampliação de como compreender a multiplicidade do real em suas especificidades, histórias, materiais e relações. Diferente dos anteriores, a nomenclatura de Haraway exprime um lugar-tempo emaranhado e chafurdo de relações multi-espécies e possibilidades de devir-com que não se restringiram ao excepcionalismo humano e suas concepções autocentradas dos modos de viver e morrer, e de sua visão de mundo que opera simplificações como a da natureza e cultura e dos binarismos de raça, gênero, nação, colônia e pós-colônia. “A ordem é retricotada: os seres humanos são com a Terra e da Terra, e as potências bióticas e abióticas dessa Terra que dão forma à narrativa principal” (HARAWAY, 2023: 104). Assim, esta pesquisa se propõe a pensar-com o lixo urbano e com aqueles que se relacionam com estes, humanos ou não.

As trocas e relações mobilizadas pelo descarte ou reciclagem do lixo em contextos urbanos são analisadas em diversas áreas das ciências sociais, preocupadas com temas como trabalho, desigualdades, capitalismo, meio ambiente, etc. (CONCEIÇÃO, 2003; SOSNISKI, 2006; ABUSSAFY DE SOUZA, 2018). À antropologia também interessa investigar a troca como relação humana. Nesse sentido, a contribuição de Mauss (2003) sobre a obrigação de dar, receber e retribuir e a de Malinowski (2015) sobre o princípio de reciprocidade, demonstraram que existe algo que se troca para além dos objetos materiais e que forma e informa as relações sociais. Para além da especificidade física de um objeto, se vidro ou cristal, se iname ou colar, é sua especificidade moral, atribuída pelo grupo no qual se insere, que lhe dá seu valor. Na troca, estudada por Malinowski (1976) e Mauss (2003), ao atribuir valor ao presente recebido, quem recebe determina o valor da retribuição ou contra-presente que se dará. Aqui a troca é uma relação moral entre pessoas e seus valores.

Porém, diferente do tipo de troca, explorada por esses autores, as trocas entre catadores e ferro-velhos estão inseridas no sistema mercantil e de produção – social – do capitalismo. Como elucidado por Sahlins (1974: 213), “as relações de produção compõem o principal quadro classificatório da sociedade ocidental”, isto significa seus valores morais. Nesse sentido, para esse tipo de troca existe a alienação como imperativo, isto é, coisas são retiradas de seus contextos de vida para serem mercantilizadas (TSING, 2022:); a obtenção ou produção de um objeto são ignoradas para a efetivação da troca. A economia de dádiva se distingue da economia mercantil: na primeira, coisas e pessoas possuem algum tipo de conexão, enquanto na segunda coisas e pessoas estão isoladas e não vinculadas moralmente (MARRAS, 2019). Essa alienação é necessária para o tipo de troca capitalista, onde as coisas não são entrelaçadas com pessoas na efetivação da troca. Sendo o vínculo das pessoas uma relação entre coisas (SAHLINS, 1974) – como sintetiza Davi Kopenawa (2015) ao falar em “povo da mercadoria”. Mesmo com esta distinção, no interior do sistema capitalista, em determinadas etapas das cadeias de suprimento produtivos e suas trocas, podem haver sentidos e significações diferentes para as partes que trocam, operando a tradução entre mercadoria e dádiva, ou dádiva e mercadoria. No caso analisado por Tsing (2022), esta tradução ocorre em dois momentos: na coleta e no consumo. Para os catadores, a significação atribuída aos cogumelos, antes da alienação que a sucede, é a de troféus de caça. O que é coletado possui um vínculo moral com quem coletou. Na outra ponta da cadeia, no consumo, os cogumelos matsutake são adquiridos como mercadorias por membros das elites japonesas que os oferecem como presente ou contra-presentes em ocasiões cerimoniais. Mercadoria é traduzida para dádiva⁹.

Diante da era do fim, Marras (2019) revisa os conceitos de troca e participação e sugere uma noção alargada destes mediante as emergências e constrangimentos ecológicos. Pensando com Latour (1994), Marras argumenta que as coisas não são apenas intermediárias nas transações, mas também mediadoras de agenciamentos com o cosmos. Isso significa que objetos aparentemente inocentes têm rastros e efeitos nos ambientes e ecologias, desde as origens até os descartes (MARRAS, 2019: 161). Nesse sentido, a troca entre pessoas não pode ser mais explicada ou analisada como autônoma dos demais contextos de vida. Sendo

⁹ Os materiais passíveis de serem reciclados e coletados pelas pessoas com quem se pretende realizar o estudo são pensados enquanto commodities - mercadorias. Matérias que serão retrabalhadas e remoldadas para servir de matéria prima. Por isso, bem provável que não se traduzam em dádivas. Mas, a depender do que é achado nas matérias descartadas - calçados, roupas, remédios, etc -, algo pode ter vinculação de dádiva nas diversas situações em que estas se encontram e ser traduzida para mercadoria e (re)traduzida para dádiva. Também como podem somente operar traduções próprias do capitalismo como valor de uso para valor de troca e vice versa.

assim, como se dá no e com o mundo, a participação dos coletores não cooperados com o lixo urbano à procura de materiais recicláveis pela troca e inserção em uma cadeia de suprimento?

Nas ciências humanas e em outras áreas há uma ampla literatura de estudos sobre o lixo, resíduos sólidos, materiais recicláveis, suas dimensões ecológicas e sociais. A coletânea *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*, publicada pela Associação Brasileira de Antropologia (RIAL, 2016), sistematiza quatro principais abordagens: simbólica, ecologia política, perspectivas críticas e modos de vida.

A abordagem simbólica se debruça em investigar as diferentes significações do que é considerado lixo, para quem é lixo e como se dá esta construção social. A despeito da sujeira, não propriamente do lixo, Douglas (1976), trata de que na multiplicidade das construções sociais existiriam relações que a definem por antinômios como pureza/impureza, sujeira/limpeza, contágio/purificação, ordem/desordem. “A sujeira ofende a ordem” (DOUGLAS, 1976: 12). Para a autora, o manejo da sujeira, ou seja, o modo pelo qual as coisas consideradas sujas ou impuras são ordenadas no espaço¹⁰, é um ato essencial para produzir e organizar o mundo social. Em contraponto a Douglas, Doherty (2022) mostra como o lixo produz mundos, o que concede a compreensão de que a “descartabilidade” seria melhor compreendida não essencialmente como condição de exclusão social, mas infra-estruturalmente, como uma forma nociva de inclusão social.

Sobre a criação e destruição do valor em uma teoria sobre o lixo, Thompson (2017), argumenta que o que atribui qualificação a um objeto como lixo está inserido em um amplo sistema determinado por práticas e processos sociais. Para ser lixo, um objeto deve ser retirado de consideração e circulação dos aspectos sociais. Contudo os objetos, pelos processos e práticas sociais, podem transitar de valor, sendo ressignificados e revalorizados – como os materiais que são coletados por catadores.

A abordagem da ecologia política avança o debate ao tomar a abordagem simbólica como ponto de partida. Sugere-se somar as significações do que é lixo com ênfase nas relações de poder estabelecidas em sistemas sociais e ambientais influenciados por aspectos nacionais e internacionais (COLOMBIJN & RIAL, 2016). Já as perspectivas críticas adicionam problematizações acerca do modo de vida consumista e o modo de produção capitalista, onde o desperdício, ou o descarte, são essenciais, enquanto formas de livramento do excedente de produção e de modo a dar prosseguimento ao consumo (O’BRIEN, 2011; JAFFE & DÜRR, 2010). Por fim, a abordagem dos modos de vida agrega às abordagens

¹⁰ Além das coisas no espaço, o conceito de impuro, para a autora, também pode ser atribuído a pessoas e grupos sociais, como pode ocorrer no caso dos catadores.

anteriores a análise social daqueles que vivem diretamente, ou em proximidade, com resíduos sólidos – trabalhadores da limpeza urbana, catadores, cooperativas em aterros sanitários, etc. (NAS & JAFFE, 2004; SANTOS & FERREIRA DA SILVA, 2011; DEMAJOROVIC, 2013; COLOMBIIN & MORBIDINI, 2016).

Também dentro do mesmo campo de análise sobre resíduos sólidos, Maria Raquel Lima (2021), apresenta pela análise histórica da limpeza urbana e da gestão de resíduos sólidos no Rio de Janeiro em que o “governo dos restos ou resíduos¹¹”, isto é os modos de concepção e operacionalização de resíduos dentro de sistemas técnicos específicos, tem efeitos que incidiram na “produção do espaço urbano, ao forjarem territórios “invisíveis” (LIMA, 2021: 45), fora do olhar. A autora aponta para como os modos e formas de gestão de resíduos sólidos urbanos produzem as cidades por seus múltiplos espaços para além dos centros urbanos - locais de armazenagem, transbordos, aterros sanitários e lixões.

Para lidar com a questão dos resíduos sólidos, em 2010 o Brasil instituiu a Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS). A PNRS se estabelece na esteira de institucionalizações e regulações ambientais e de saúde pública. Sua construção visa prescrições e normativas acerca da gestão de resíduos sólidos, definindo os principais termos para a gestão, classificação e elencando responsabilidades compartilhadas para os atores que têm relação com a geração, logística reversa e reciclagem abrangendo toda cadeia de resíduos. Apesar da PNRS tratar da cooperação e responsabilização entre sociedade civil e do poder público, são os catadores de materiais recicláveis os priorizados com incentivos, ao menos no texto da lei, com relação à sua participação .

“Título V da PNRS é voltado ao incentivo da participação dos catadores de materiais recicláveis nos processos de logística reversa e coleta seletiva. Se, por um lado, as leis reconhecem a relevância da coleta seletiva e da categoria dos catadores, por outro, elas não enfrentam a questão de saúde, nem de dignidade humana, relacionadas com o trabalho do catador, recomendando apenas, e de forma genérica, sua integração econômica (art. 15, V).” (MAIELLO, BRITTO, VALLE, 2018).

Essa inclusão prioritária dos catadores na cadeia de suprimento dos resíduos sólidos pela PNRS se dá somente por meio de cooperativas ou associações. Logo, para participar da inclusão, os catadores devem se organizar em cooperativas ou associações. Em seguida, cooperados ou associados podem pleitear a cessão de galpões de triagem, equipamentos e etc.

¹¹ Lima apresenta todo um debate traçando uma genealogia das categorias que são atribuídas aos restos, resíduos e lixo e dos procedimentos que se desenvolvem a estes ao longo do tempo por projetos de gestão.

Grande parte dos catadores cooperados ou associados eram anteriormente população em situação de rua (MAGERA, 2005 apud MAGNI, GÜNTER, 2014). A maior parte dos estudos e abordagens sobre catadores são com relação ao trabalho destes na reciclagem em cooperativas, lixões e aterros (MORBIDINI, 2016; COLOMBIJN & MORBIDINI, 2016; CONCEIÇÃO, 2003; SOSNISKI, 2006). Já a presente pesquisa propõe realizar um estudo com catadores, ou coletores, não cooperados e em situação de rua sobre seus modos de vida e relações mais que humanas, partindo de um desvio da cadeia de gestão de resíduos: um ferro-velho de revenda de materiais recicláveis na região da Vila Buarque, no centro da cidade de São Paulo.

Por mais que a coletânea supracitada apresenta, em certa medida, pioneirismo ao tratar o lixo com abordagens antropológicas, não se move às veredas dos impactos e inflexões político-epistêmicas que a urgência ecológica impõe às relações desses objetos com humanos e com o mundo em que humanos participam. Como também, Doherty argumenta,

A crise social e ecológica do Antropoceno levou a um novo patamar as questões filosóficas de longa data sobre o lugar de não humanos, de animais até matérias inanimadas, nas ontologias políticas ocidentais que tenderam a enxergar a materialidade simplesmente como o limite da agência humana. De fato, o lixo figura proeminentemente nos esforços para trazer a matéria para a teoria política (DOHERTY, 2022: 7 – tradução do autor).¹²

Destarte, a tendência de enxergar a materialidade como limite da agência humana não permite, ao menos para a antropologia, descrever e analisar processos de agenciamentos que não humanos impõe a humanos e que os moldam. É assim que, o lixo (*waste*), para Doherty, deve ser entendido como um verbo, possuindo estatuto político para o debate do Antropoceno e para os processos humanos e mais que humanos.

A geração de lixo decorre das infraestruturas¹³ de projetos coloniais, imperiais e de aceleração. Essas se efetivam na produção, na troca, no consumo, no descarte de mercadorias que engajam pessoas comuns, dentro e fora de sistemas de gestão, e que formariam as

¹² No original: The social and ecological crises of the Anthropocene have given new stakes to long-standing philosophical questions about the place of nonhumans, from living animals to inanimate matter, in Western political ontologies that have tended to see materiality simply as a limit to human agency. Indeed, waste figures prominently in efforts to bring matter into political theory.

¹³ Chamayou (2020) ao traçar uma genealogia do liberalismo autoritário, conta como na década de 1930, com o fim das proibições da lei seca e com motivações econômicas pós crise, os industriais de cerveja “inventaram” a lata. A cadeia de suprimento convencional para cervejas e refrigerantes dependiam da reutilização das garrafas. Passava por uma cadeia logística de coleta e recondição dos vasilhames intermediária e descentralizada da produção. Com a lata, uma embalagem descartável, abriu-se uma perspectiva suculenta (CHAMAYOU, 2020: 291) para os industriais: cortar intermediários, concentrar na produção e estender a distribuição para lugares mais distantes; como consequência: mais lucros e mais produção de lixo.

estruturas de paisagem do lixo. Isto é, manchas (*patches*) de “padrões iteráveis de distúrbios humanos” (TSING, 2021: 182) que conectam e alteram relações humanas e mais que humanas. Paisagem, para Tsing, seria mundos ativos da vida amparados pela materialidade e capazes de possibilidades e de formas emergentes: “o sedimento de atividades humanas e não humanas, bióticas e abióticas, importantes e construídas sem intenção” (TSING, 2019: 149) podendo existir em qualquer escala e envolvendo múltiplos fragmentos. Nesse sentido, não há uma lógica ou lei geral que regula ou formata a disposição concreta de todos os componentes urbanos - apesar das tentativas de regulação e de controle realizadas pelos Estados. A poluição, o andar das pessoas, os sacos de lixo abertos e espalhados nas avenidas não possuem uma intencionalidade intrínseca, mas são construídos e sedimentados em relação a algo. A cidade é um ambiente de perturbação, onde a ação antropogênica opera sobre a paisagem disparando efeitos não projetados – lixo espalhado, acidentes diversos, enchentes, proliferação de roedores, aves e insetos e etc – em fragmentos que podem se relacionar para além dos territórios urbanos e se relacionar com demais fragmentos espalhados pelo planeta (TSING, 2019, p 221; 2021, 189).

As artes de notar as potências das atividades bióticas e abióticas, dos ambientes e seres, e como estes interagem, e, trazê-las para a descrição retricota a ordem. Pensando com Haraway (2021) e Strathern (2017), Tsing descreve e analisa a relação que os catadores de cogumelos têm com o ambiente não se restringindo apenas às relações com humanos e suas histórias, mas também analisando outras relações explicitamente materiais com outros agentes vivos e não vivos. Os catadores que a antropóloga estuda se encontram em meio a uma floresta e dependem do conhecimento que possuem desse espaço, com toda sua complexidade de relações, para encontrarem cogumelos.

Muito do conhecimento dos catadores de cogumelo sobre a floresta é um conhecimento cinético - conhecimento sobre como se mover pela floresta, navegando por suas vistas, sons e cheiros. Enquanto eles podem ser eloquentes sobre explicar seus movimentos, as pessoas se tornam especialistas em forrageamento de cogumelos, não através de conversas, mas usando seus corpos. Se formos generosos com o significado das palavras, não é exagero considerar o forrageamento do cogumelo como uma forma de dança (TSING, 2019: 27).

Tal qual os catadores de Tsing na floresta, os coletores de materiais recicláveis no centro da Cidade de São Paulo que pretende-se descrever e analisar se utilizam de seus corpos para o deslocamento na paisagem urbana e, de algum modo, “dançam”. Podem produzir estratégias de ação no território definidas pelas diferentes estratégias de leitura do

ambiente e de territorialidades. Talvez não se utilizem do olfato, como os forrageadores, para encontrarem e coletarem os materiais – que são inorgânicos e não exalam aromas característicos como o dos cogumelos matsutakes. Mas podem se utilizar de outros sentidos, além da visão, como a audição e o tato. Inúmeras podem ser as práticas de identificação de materiais recicláveis na amálgama descartada: chacoalhar sacos de lixo para ouvir o tilintar de latas de alumínio, enfiar as mãos ou membros em lixeiras e sacos buscando tatear a maciez do papelão, a dureza do vidro ou a resiliência do plástico, etc. Inúmeras também podem ser as maneiras que lidam para carregar aquilo que coletaram¹⁴: com as mãos, reutilizar sacos descartados e coadunar em seus corpos, carrinhos, carroças, etc.

Todavia, diferente dos forrageadores de cogumelos que vivem a precariedade como práticas de liberdade¹⁵ nas florestas do Oregon, os coletores no centro da cidade de São Paulo viveriam a precariedade cercados de riscos e perigos iminentes das ruas - apesar de certa sensação de liberdade. O que influenciaria nas possíveis leituras e práticas territoriais com a cidade. Para Frangella (2004), a categoria de morador de rua expressa uma identificação de um ou vários agrupamentos que estão fora do sistema “padrão” de organização, produção e consumo que é compartilhado pela urbanidade (FRANGELLA, 2004: 46). Por estarem à margem ou nas franjas do “padrão”, tais sujeitos se relacionam e interagem de modos diferentes com a cidade, pessoas e objetos. Estão sempre vagando. O modo errante, itinerante, que sua corporalidade performa na cidade deriva, para a autora, de certa fuga das políticas urbanas excludentes e controladoras da funcionalidade do espaço (IDEM: 51) como também “pressupõe resistência à sua eliminação” (IDEM: 286). Movimentam-se para poder movimentar-se (viver). Como também, “da mesma forma itinerante funciona o recolhimento e venda de material reciclável. São atividades que se criam a partir daquilo que a sociedade sedentária rejeita”(IDEM: 30). Neste tipo de corporalidade errante a coleta se torna um modo importante de subsistência na cidade e também

¹⁴ Cada material tem sua especificidade. Em visita a dois ferros-velho na região da Vila Buarque, obtive informações importantes sobre os materiais. Ambos não trabalhavam com o papelão, trabalhavam com os mais variados metais (fotografia das tabelas de preço dos materiais no anexo). Papelão, para ambos os lugares, é um material complicado de trabalhar: ocupa muito espaço, pode pegar fogo, molhar e mofar. Isso pode o tornar pouco rentável, a depender da estrutura do lugar. A pessoa que operava a caixa registradora de um dos ferros-velho contou que seu cunhado possui um ferro-velho maior no bairro da Luz que trabalha-se com papelão. Se essas especificidades materiais podem afetar o modo que os ferros-velho trabalham, o quanto podem afetar a coleta, o ato de carregar e o deslocamento pela paisagem urbana?

¹⁵ Os catadores estudados por Tsing têm experiências diversas e são de lugares diferentes. Refugiados políticos, imigrantes ilegais, ex prisioneiros e veteranos de guerra; vindos do leste asiático, países latinoamericanos e estadunidenses brancos de conflitos externos de sua nação. Entre eles “a liberdade é um “objeto fronteiro”(…), uma preocupação compartilhada que (...) assume muitos significados e aponta para direções variadas” e “mobiliza a prática de colher cogumelos como prática de liberdade.” (TSING,2022: 157)

Com o tempo, os moradores de rua vão ganhando uma sensação muito forte de autonomia, associada à potencialidade de deslocar-se constantemente quando da iminência de um conflito ou quando assim desejarem, e ao manejo maleável e produtivo de suas relações com as entidades. Se por um lado, o fato de irem se mimetizando no espaço urbano gera crises identitárias e perigos físicos iminentes, por outro, facilita sua circulação e seus meios de obter recursos, além de criar uma sensação de liberdade. (Ibidem: 192)

A dinâmica de circulação na cidade, assim como a atividade de subsistência, implicam em múltiplas formas de sociabilidade, humanas e mais que humanas, com iminência de perigos e sensação de liberdade. A explicitude da revalorização do que era lixo em meio a cidade, o “revirar o lixo”, desordenar as impurezas do espaço, rompe com os códigos padrões das sociabilidades urbanas, bem como a errância, seu modo de “estar nas ruas”. A atitude blasé (SIMMEL: 2005), a indiferença da sociedade sedentária com relação a essa população, aliada ao sistema de ordenamentos do que é puro e impuro, dificulta as interações entre esses estratos sociais. Se interagem, quando muito, são em fissuras curtas de atenção e intenção. Podem existir interações que conformam sociabilidades a partir daquilo que é rejeitado: estratégias de negociação entre coletores, estabelecimentos comerciais, trabalhadores e habitantes da região central para a obtenção dos materiais recicláveis; disputas, embates e solidariedade entre coletores em relação ao lixo que é depositado nas ruas; alianças e conflitos com cachorros, demais espécies urbanas e matérias bióticas e abióticas¹⁶; vantagens e desvantagens com relação ao clima, calor, frio, chuva.

Portanto, a esta pesquisa cabe um estudo com coletores de materiais recicláveis não cooperados e em situação de rua descrevendo e analisando seus modos de vida na itinerância, suas relações mais que humanas e com os materiais que coletam e se relacionam no centro da cidade de São Paulo. Pretende-se realizar o encontro com esses coletores partindo de um desvio da cadeia de gestão de resíduos: um ferro-velho de revenda de materiais recicláveis na região da Vila Buarque, no centro da cidade de São Paulo, onde minha presença está permitida. A partir desse lugar será estabelecido o contato com coletores e negociada a companhia durante os percursos de coleta. Para além das trocas “alienadas” que envolveriam a dinâmica de coletores e ferro-velho na cidade, podem existir outros tipos de trocas e participações, humanas e não-humanas, conformadas pela atividade de coleta no lixo? Como

¹⁶ “No cotidiano dos habitantes de rua, dentro das possibilidades de permanência no espaço urbano que lhes são apresentadas, o amontoamento e mistura entre seus corpos e os materiais recicláveis, o contato corporal com os cachorros e gatos de rua, com os ratos que invadem suas habitações provisórias, com o lixo que circunda os lugares nos quais espacializam fazem irromper cenas que sugerem um circuito de ambigüidades e fusões de inspiração medieval ferem a legibilidade totalizante e hegemônica que pretende o olhar urbanístico.” (FRANGELLA, 2004: 163)

a pesquisa se pauta por matérias descartadas revalorizadas também enquanto materiais recicláveis, serão descritas e analisadas as infraestruturas que estão envolvidas no sentido do descarte e do reaproveitamento – sejam aquelas nas quais o Estado desempenha um papel regulatório e de gestão, sejam aquelas referentes ao desenvolvimento tecnológico, políticos e econômicos dos empreendimentos industriais do capitalismo¹⁷. Ademais, cabe descrever e analisar os múltiplos caminhos que as matérias descartadas e revalorizadas pela coleta fazem pela cidade com os coletores e que também percorrem nas cadeias de suprimentos de materiais recicláveis. Deste modo, o trabalho de campo pretende-se itinerante em dois sentidos. O primeiro, será acompanhar os coletores em sua itinerância de coleta de materiais de modo a entender como na cidade esses configuram práticas e saberes de leituras territoriais com seus corpos e itens coadunados. O segundo, será o de seguir os materiais nos caminhos percorridos na cidade e nas cadeias de suprimento de materiais recicláveis.

OBJETIVOS

O objetivo geral deste projeto é realizar um estudo etnográfico com coletores de materiais recicláveis não cooperados e em situação de rua do centro da cidade de São Paulo, descrevendo e analisando seus modos de vida na coleta itinerante, suas relações com os materiais coletados no centro da cidade de São Paulo, tendo como ponto de partida um ferro-velho. Propõe-se seguir estes coletores em sua atividade de coleta pelo centro da cidade em uma etnografia itinerante e interessada em como as potências materiais, bióticas e abióticas, da paisagem urbana dão forma aos seus modos de coleta, maneiras de carregar os materiais e locomoção no território. Este trabalho discutirá como aquilo que se descarta, o lixo, pode possibilitar sociabilidades urbanas e mais que humanas.

Adicionalmente, elenco os seguintes objetivos específicos, de modo a auxiliar no desenvolvimento da análise e interpretação do tema:

- Descrever e analisar as infraestruturas envolvidas na produção, descarte e reaproveitamento de materiais, incluindo o papel regulatório e de gestão do Estado, bem como o desenvolvimento tecnológico, político e econômico dos empreendimentos industriais do capitalismo. Isto é, como para o aparato estatal são pensadas a produção, comercialização e gestão de resíduos materiais, e como para os empreendimentos capitalistas são pensados os usos desses materiais.

¹⁷ Além da lata (nota 13), o que aconteceu para o papelão, plásticos e demais materiais serem tão difundidos nas cadeias de suprimento do capitalismo global? Por que o alumínio? Por que essas matérias?

- Investigar os caminhos percorridos pelas matérias descartadas e revalorizadas pela coleta na cidade e nas cadeias de suprimentos de materiais recicláveis, identificando quais características são atribuídas a esses objetos no circuito de troca.

V. Material e métodos;

A pesquisa será uma etnografia com diferentes métodos e técnicas qualitativos combinados com a teoria listados abaixo.

1. Pesquisa e revisão bibliográfica:

Será concentrada em literatura nacional e internacional sobre: (a) limpeza urbana e gestão de resíduos, especialmente na municipalidade de São Paulo; (b) estudos antropológicos e multidisciplinares contemporâneos sobre consumo, descarte e seus impactos ecológicos; (c) pesquisas etnográficas sobre técnicas de coleta; (d) pesquisas multidisciplinares sobre espécies urbanas.

2. Observação participante:

O ponto de partida, a entrada no campo, que essa pesquisa pretende é um ferro-velho localizado na Vila Buarque, centro da cidade de São Paulo, onde minha presença está autorizada. A partir desse lugar, será estabelecido o contato com coletores e negociada a companhia durante os percursos de coleta. Pretende-se acompanhar ao menos cinco coletores. O trabalho de campo será itinerante em dois sentidos. O primeiro (o sentido da coleta), consistirá em acompanhar os coletores em sua itinerância de coleta de materiais de modo a entender como na cidade esses configuram práticas e saberes de leituras territoriais com seus corpos e itens coadunados. O segundo (os sentidos dos materiais), será o de seguir os materiais nos caminhos percorridos na cidade e nas cadeias de suprimento de materiais recicláveis.

Antes do trabalho de campo, em colaboração com o supervisor deste projeto, será produzido um roteiro semiestruturado de entrevista para balizar, o sentido dos diálogos e interações com os interlocutores.. Serão utilizados gravadores e cadernos de campo para registrar diálogos, conversas e relatos de campo. Também serão feitos registros fotográficos e audiovisuais para descrever e analisar os processos de movimentação dos coletores, materiais e não-humanos. Se necessário, podem ser elaborados mapas com base nas imagens e vídeos coletados, utilizando aplicativos de celular com georreferenciamento e sites com imagens de satélite e modelos cartográficos.

PLANO DE TRABALHO E CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

- A. Cumprimento de créditos;
- B. Pesquisa bibliográfica;
- C. Revisão da bibliografia;
- D. Etnografia Itinerante;
- E. Realização do exame de proficiência em língua estrangeira;
- F. Sistematização e análise dos dados;
- G. Elaboração e confecção de mapas;
- H. Elaboração do relatório de qualificação;
- I. Qualificação;
- J. Redação da dissertação;
- K. Defesa da dissertação.

| Atividades | Meses | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|---|-------|---|---|---|---|---|---|---|---|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 |
| Cumprimento de créditos | x | x | x | x | x | x | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pesquisa e revisão bibliográfica | x | x | x | x | x | x | x | x | x | x | | | | | | | | | | | | | | |
| Revisão da bibliografia | | x | x | x | x | x | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Etnografia Itinerante | | | | | x | x | x | x | x | x | x | x | x | | | | | | | | | | | |
| Realização do exame de proficiência em língua estrangeira | | | | x | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Sistematização e análise dos dados | | | | | | | | | | | | x | x | x | x | x | | | | | | | | |
| Elaboração do relatório de qualificação | | | | | | | | | | | | | | x | x | x | x | | | | | | | |
| Qualificação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Redação da dissertação | | | | | | | | | | | | | | | | | | x | x | x | x | x | x | |
| Defesa da dissertação | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | x |

BIBLIOGRAFIA

ABRELPE: Panorama dos Resíduos Sólidos no Brasil 2022. Brasil, dezembro de 2022.

ABUSSAFY DE SOUZA, Ricardo. Gestão compartilhada da miséria: estudo genealógico sobre sustentabilidade e situação de catadores de materiais recicláveis nos BRICS. Nu-Sol (PUC-SP), São Paulo, n. 22, pp. 18-54, 2018.

Brasil. Ministério do Meio Ambiente. Secretaria de Qualidade Ambiental. Plano Nacional de Resíduos Sólidos - Planares [recurso eletrônico] / coordenação de André Luiz Felisberto França... [et. al.]. – Brasília, DF: MMA, 2022.

CHAMAYOU, Grégoire. A sociedade ingovernável: Uma genealogia do liberalismo autoritário. São Paulo: UBU Editora, 2020.

CONCEIÇÃO, Márcio Magera. *Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade: análise interdisciplinar das Cooperativas de reciclagem de lixo*. Campinas, SP: Editora Átomo, 2003.

COLOMBIJN, Freek & RIAL, Carmen. INTRODUÇÃO: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos em sociedades pós- industriais. In: RIAL, Carmen (org.). *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: ABA, 2016.

COLOMBIJN, Freek & MORBIDINI, Martina. Braço protetor ou mão invisível? Prós e contras da formação de cooperativas de catadores de lixo: Uma comparação entre Brasil e Indonésia. In: RIAL, Carmen (org.). *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: ABA, 2016.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

DEMAJOROVIC, J.; LIMA, M. Cadeia de reciclagem: um olhar para os catadores. São Paulo: SENAC, 2013.

DOHERTY, Jacob. *Waste worlds : inhabiting Kampala's infrastructures of disposability*. California: University of California Press Oakland, 2022.

ISWA: FUTURO DO SETOR DE GESTÃO DE RESÍDUOS: TENDÊNCIAS, OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A DÉCADA (2021-2030). Brasil, Junho de 2022.

HARAWAY, Donna: *Ficar com o Problema: fazer parentes no Chthuluceno*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

_____. *O manifesto das espécies companheiras: Cachorros, pessoas e alteridade significativa*. São Paulo: n-1 edições, 2022.

JAFFE, Rivke; DÜRR, Eveline. "Introduction: Cultural and material forms of urban pollution". In: ____; _____. (Orgs.). *Urban pollution: Cultural meanings, social practices*. New York, Oxford: Berghahn, 2010. p. 1-29.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã Yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LATOUR, Bruno. Jamais fomos modernos. Ensaio de Antropologia Simétrica. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1994.

LE GUIN, Ursula K. A teoria da bolsa de ficção. São Paulo: n-1 edições, 2021

LIMA, Maria Raquel Passos. O avesso do lixo: materialidade, valor e visibilidade. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2021.

MAGNI, A. A. C., & GÜNTHER, W. M. R. (2014). Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua. *Saúde e Sociedade*, 23 (ja/mar. 2014), 146-156. doi:10.1590/S0104-12902014000100011

MALINOWSKI, Bronislaw. *Argonautas do Pacífico Ocidental*. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

_____. *Crime e Costume na Sociedade Selvagem*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

MAIELLO, Antonella; BRITTO, Ana Lucia Nogueira de Paiva; VALLE, Tatiana Freitas. Implementação da Política Nacional de Resíduos Sólidos. *REVISTA DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA*. Rio de Janeiro, 2018.

MAUSS, Marcel. “Ensaio sobre a dádiva”. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003, pp. 185-314.

MARRAS, S. Troca e participação na era do fim: revisão de conceitos à força dos constrangimentos ecológicos-ambientais. In: DIAS, S. O.; WIEDEMANN, A. C. R. de (orgs.). *Conexões Deleuze e cosmopolíticas e ecologias radicais e nova terra e...* Campinas: ALB/ ClimaCom, 2019, p. 151-180.

MOORE, J. W. (org.). *Antropoceno ou Capitaloceno? natureza, história e a crise do capitalismo*. São Paulo: Elefante, 2022.

MORBIDINI, Martina. “Catador cidadão; trabalho digno” - Estratégias de superação do estigma adotadas pelos catadores de material reciclável em Belo Horizonte, Brasil. In: RIAL, Carmen (org.). *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: ABA, 2016.

NAS, Peter J.M.; JAFFE, Rivke. “Informal waste management: Shifting the focus from problem to potential”. *Environment, Development and Sustainability*, v. 6, p. 337-353, 2004.

O’BRIEN, Martin. *A crisis of waste? Understanding the rubbish society*. New York, London: Routledge, 2011.

OS MIL Nomes de Gaia. Colóquio Internacional Os Mil Nomes de Gaia: do Antropoceno à Idade da Terra. De 15 a 19 de setembro de 2014. Realização: Departamento de Filosofia da PUC-Rio, PPGAS do Museu Nacional – UFRJ. Local: Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro. Disponível em: https://osmilnomesdegaia.files.wordpress.com/2014/07/position-paper-os-mil-nomes-de-gai-a_port.pdf.

PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano de 2020 - A próxima fronteira: O desenvolvimento humano e o Antropoceno. Nova York: PNUD, 2020.

PNUD. Relatório do Desenvolvimento Humano de 2021/2022 - Tempos incertos, vidas instáveis A construir o nosso futuro num mundo em transformação. Nova York: PNUD, 2022.

RIAL, Carmen (org.). *O poder do lixo: abordagens antropológicas dos resíduos sólidos*. Rio de Janeiro: ABA, 2016.

SANTOS, Gemelle Oliveira Santos e FERREIRA DA SILVA, Luiz Fernand. *Os significados do lixo para garis e catadores de Fortaleza (CE, Brasil)*. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, n. 16, v. 8, pp. 3413-3419, 2011.

SÃO PAULO (Município), Principais Resultados do Censo da população em situação de rua na municipalidade de São Paulo (2011). FESPSP, 2011.

_____. PESQUISA CENSITÁRIA DA POPULAÇÃO EM SITUAÇÃO DE RUA, CARACTERIZAÇÃO SOCIOECONÔMICA DA POPULAÇÃO ADULTA EM SITUAÇÃO DE RUA E RELATÓRIO TEMÁTICO DE IDENTIFICAÇÃO DAS NECESSIDADES DESTA POPULAÇÃO NA CIDADE DE SÃO PAULO -2021. Qualitest, 2021.

SAHLINS, M. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SIMMEL, G. *As grandes cidades e a vida no espírito*. *Mana*, vol. 11, n.2, 2005.

SOSNISKI, Cristina. Repensando fronteiras entre o lixo e o corpo: estudo etnográfico sobre o cotidiano de recicladores, catadores e carroceiros na Ilha Grande dos Marinheiros. 2006.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre - RS.

STRATHERN, Marlyn. Capítulo 11 parte II - O Efeito Etnográfico, in *O Efeito Etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: UBU Editora, 2017.

THOMPSON, Michael. *Rubbish Theory: The Creation and Destruction of Value*. Londres: Pluto Press, 2017.

Tsing, A. Supply Chains and the Human Condition. *Rethinking Marxism*, 21(2), 148–176, 2009

TSING, Anna Lowenhaupt. *Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no antropoceno*. Brasília: Mil Folhas do IEB, 2019.

_____. O Antropoceno mais que Humano. *Ilha – Revista de Antropologia*, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 176-191, 2021.

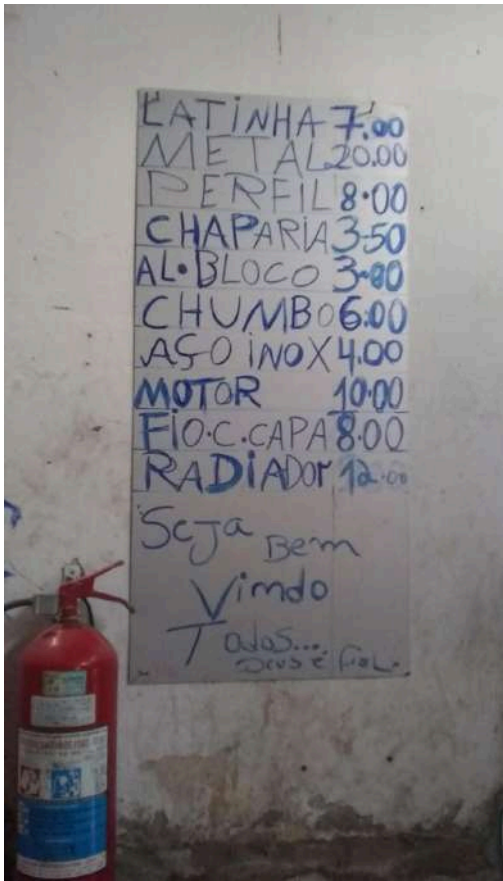
_____. O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. São Paulo: n-1 edições, 2022.

_____. Anna L. Tsing – The Particular in the Planetary: Reimagining Cosmopolitanism Beyond the Human. YouTube, 8 de abril de 2021. Disponível em: <<https://youtu.be/PqLiEo3baMc?t=811>>. Acesso em 9 de junho de 2022.

ANEXO



Placa de preços dos materiais que são comprados pelo Ferro-velho que será ponto de partida do estudo etnográfico. Credits: Daniel Luchini, 2021.



Placa de preços dos materiais que são comprados por um outro ferro-velho localizado na região da Vila Buarque, centro da cidade de São Paulo. Créditos: Daniel Luchini, 2021.